



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UFGD

Taynara Tavares do NASCIMENTO (UEMS - Dourados)¹

Andréia Nunes MILITÃO (UEMS - Dourados)²

Eixo 2 - Experiências e práticas no estágio supervisionado

Resumo

A pesquisa em tela teve por objetivo precípuo analisar o perfil dos professores que orientam os estagiários, considerando aspectos como formação, idade e tempo de atuação profissional. O caminho metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica e de campo, com uso de questionário, no qual se verificou o perfil dos professores. Por meio da realização de entrevistas buscou-se captar suas percepções sobre o trabalho desenvolvido, e como o estágio é organizado, quais as dificuldades enfrentadas pelos professores e pelos estagiários. A pesquisa de campo apontou que os professores orientadores do estágio vinculados à licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) possuem vasta experiência na área em que atuam, evidenciando como critérios de escolha: docentes que atuam nas disciplinas de práticas e professores que atuaram na educação básica em escolas públicas antes da docência no ensino superior. Quanto às concepções, foi evidenciado que esses professores compreendem de fato o objetivo do estágio e o valoriza dentro da matriz curricular do curso, porém alguns informaram compreender o estágio como uma disciplina, outros como um componente curricular, o que correlaciona com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) que não estabelece com clareza essa distinção. Em todas as entrevistas realizadas foi destacado como dificuldade o acompanhamento dos alunos estagiários nas escolas, devido a quantidade e aos mesmos poderem escolher a instituição que normalmente são diferentes e, por vezes, em cidades vizinhas, o que limita o acompanhamento e avaliação que ocorre nestes casos somente por telefone e análise de relatórios.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório. Licenciatura em Pedagogia.

¹ Docente UEMS. E-mail: andreiamilitao@uems.br

² Bolsista PIBIC/UEMS. E-mail: taynaratavares030@gmail.com

Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório (ECSO) é considerado parte essencial dos cursos de formação de professores, em todas as suas fases, desde as aulas teóricas iniciais à efetivação da regência, pois é nesse momento que o aluno tem a possibilidade de inserir-se no espaço educacional das instituições de educação básica visando compreender a organização escolar e as particularidades de cada instituição. O ECSO oportuniza também o desenvolvimento das habilidades necessárias à docência, além de possibilitar a reflexão da própria prática.

Para Cyrino e Benites (2012), configura um momento complexo devido as expectativas atribuídas à ele. Conforme expressam os autores, trata-se de “expectativas sobre as possibilidades de atuação do estagiário enquanto alguém que virá a se tornar um professor, mas que necessita de experiências pedagógicas” (CYRINO; BENITES, 2012, p.14). Assim, como período de articulação entre universidade e escola, no qual haverá acordos, discussões e orientações aos estagiários para que esse período seja de qualidade e o aluno alcance seus objetivos, como os autores destacam e aprender a ensinar. Segundo os autores, o ECSO abarca duas realidades distintas, mas que mesclam seus papéis na formação de professores, pois:

Se por um lado se tem a universidade que possui um papel mais cristalizado sobre a formação de professores, cabendo a mesma, inferir sobre o corpo de conhecimento que o futuro professor deverá ter para se tornar um docente, por outro a escola, que embora não reconheça em sua totalidade a sua responsabilidade no processo de formação de professores, tem sua participação enquanto possibilidade de se experimentar situações pedagógicas reais, oferecendo um profissional para acompanhar os estagiários. (CYRINO; BENITES, 2012, p.14)

Dessa forma, têm-se duas realidades distintas que fazem parte da formação de futuros professores e demanda investigação. Para tanto, nesta etapa, se faz necessário que este componente curricular esteja organizado de forma que atenda as especificidades da formação de professores e cumpra suas funções efetivamente que é a de formar professores aptos a atuar na educação básica.

Metodologia

Os caminhos metodológicos adotados nesta pesquisa foram a pesquisa documental, a partir da qual analisamos o Projeto Pedagógico do Curso de

Pedagogia ofertado pela UFGD, em que destacaremos aspectos referentes à organização do ECSO e a pesquisa bibliográfica por meio do mapeamento de produções sobre a temática investigada. Como expõe Duarte (2004, p. 216), é necessário que o pesquisador “[...] conheça com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação [...]”, pois somente a partir de leituras e revisão bibliográfica o pesquisador poderá se aproximar do tema pretendido.

Posteriormente, foi utilizada a pesquisa de campo no qual foi utilizado como instrumentos de coleta de dados, o questionário que continha perguntas com o objetivo de identificar o perfil dos professores orientadores dos estágios e as entrevistas que objetivavam identificar as percepções dos professores frente o trabalho desenvolvido no estágio obrigatório supervisionado. Duarte (2004) explicita os caminhos para que se faça uma boa entrevista:

- a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”); b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação(a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo— egos focais/informantes privilegiados —, leitura de estudos precedentes uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas); d) segurança e autoconfiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação. (DUARTE, 2004, p. 216)

Como expressa Duarte (2004, p.215), “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. Pode permitir ao pesquisador coletar informações consistentes sobre concepções e percepções sobre o tema investigado.

Dessa forma, o método foi escolhido objetivando extrair dados que nos permitam compreender o trabalho desenvolvido no ECSO, de forma ampla e objetiva, verificando assim as percepções dos professores orientadores quanto à organização do estágio e suas limitações.

Os estudos em que se utilizam do método de pesquisa a partir de entrevista sofrem diversos questionamentos quanto a sua veracidade, pois como coloca Duarte (2004):

Persistem entre nós certas crenças segundo as quais a entrevista, sobretudo aberta ou semi-estruturada, é um procedimento de coleta de informações pouco confiável e excessivamente subjetivo, pelo qual optam pesquisadores com pequena bagagem teórica, que dele fazem uso de forma bem menos rigorosa do que seria desejável. (DUARTE, 2004, p. 214)

A autora explica que essas crenças se devem ao uso que pesquisadores fazem desse método de pesquisa, devido a ausência detalhada de como foi realizado o processo de entrevista, as regras estabelecidas passando pela escolha do entrevistado até o uso que se faz da entrevista. Dessa forma, pretendemos explicitar todo o processo de pesquisa adotado, para que se compreendam os resultados da referida investigação e suas contribuições à área de formação de professores, com confiabilidade.

O questionário foi elaborado em grupo, juntamente com orientadores e pesquisadores da pesquisa guarda-chuva desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa Política Educacional e Formação de Professores (GEPPEF) intitulada "A configuração do Estágio Supervisionado nas licenciaturas da UEMS e da UFGD e suas repercussões para a formação de professores". As perguntas presentes no questionário foram amplamente discutidas em reuniões com a participação das bolsistas e dos docentes orientadores. O modelo se intitula "Questionário para professor supervisor de estágio", usamos esta nomenclatura por considerarmos os termos mais usados para definir os professores que orientam o estágio. O modelo de questionário aplicado contém dois blocos: perfil pessoal, perfil profissional e formação. O primeiro objetivou levantar o perfil dos professores, a partir dos seus dados pessoais como sexo, idade, cor, estado civil, se possui filhos, com quem mora, sua renda familiar, grau de escolaridade dos familiares (pais, cônjuge, por exemplo) e naturalidade.

No segundo bloco pretendeu-se coletar os dados profissionais dos entrevistados, tais como a universidade em que trabalha, qual curso ou quais cursos, considerando a possibilidade do professor orientar estagiários em mais de um curso, regime de trabalho na universidade, jornada de trabalho, carga horária

destinada às aulas, tempo de atuação no ensino superior. Por fim, no terceiro bloco, tratamos da formação dos professores, levantando dados sobre o tipo de escola que frequentou no ensino fundamental e ensino médio, também analisamos se os professores fizeram curso de magistério durante o ensino médio, assim como qual foi seu curso de graduação, em que universidade ou faculdade, qual o nível do curso e sua modalidade, se foi licenciatura, bacharelado ou ambos e em qual ano concluiu. Colocamos a opção do professor destacar também a realização de outra graduação caso tenha cursado.

Como forma de melhor utilizarmos o método de coleta de informações a partir de entrevistas, buscamos aprofundar os conhecimentos acerca do recurso apoiando-nos em trabalhos que tratam da temática mais detalhadamente. Quando se trata do método de entrevista nos deparamos com diversas ideias equivocadas e crenças que foram estabelecidas no decorrer de pesquisas. Como aponta Duarte (2004), “Um ‘mito’ muito comum relacionado ao uso de entrevistas na pesquisa de campo é o de que elas servem para legitimar a fala de interlocutores com pouco poder social ou para ‘dar voz’ a comunidades silenciadas, oprimidas, vítimas de arbitrariedades etc”. Essa é uma ideia, segundo a autora, é equivocada, pois por mais que o pesquisador queira evidenciar aspectos sociais problemáticos e seja sensível a determinadas realidades, o mesmo faz parte de um projeto científico cercado de regras metodológicas no qual deve-se evidenciar a análise feita pelo pesquisador a partir das informações obtidas.

É necessário que a voz do informante ou da comunidade analisada seja incorporada no trabalho, porém é a análise científica do pesquisador que deve ser evidenciada, pois é uma fala, segundo a autora, de natureza científica emitida a partir de um lugar de poder. Essa visão não desqualifica os informantes da pesquisa, os colocando em um espaço sem importância, mas nessa perspectiva entendemos que é o pesquisador que irá definir seus caminhos metodológicos, a partir de seus objetivos e de seu ponto de partida que são suas informações coletadas, tanto em pesquisa documental como em questionários e entrevistas.

Outro ponto equivocado colocado pela autora é o de que tudo que foi informado pelo entrevistado deve ser objeto de análise, ou seja, tudo em uma entrevista é de extrema importância para análise. Essa ideia é considerada equivocada devido ao fato de que podemos obter uma grande quantidade de

informações, mas só iremos analisar aquilo que se relaciona ao nosso objetivo de pesquisa.

Para Duarte (2004), esse é um momento de troca de informações pois estamos coletando dados essenciais para a nossa pesquisa ao passo que estamos dando a oportunidade ao entrevistado refletir sobre questões ali colocadas.

Concepções e práticas dos professores orientadores de ECSO da UFGD

Inicialmente foram coletadas as informações referentes ao perfil dos profissionais orientadores do estágio na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As perguntas direcionaram inicialmente para o perfil pessoal e o segundo bloco para o perfil profissional. As perguntas do primeiro bloco focaram: sexo, idade, cor, naturalidade, estado civil, número de filhos, situação de moradia, renda familiar e grau de escolaridade da família.

Foram entrevistados um total de seis professores da universidade selecionada. Desses, quatro são do sexo feminino e dois são do sexo masculino. Sobre a cor, quatro se declararam brancos e dois pardos. Quando questionados sobre seu estado civil, três relataram serem solteiros, um divorciado, casado e viúvo. Desses sujeitos, quatro não têm filhos e dois têm filhos.

Quanto à renda familiar, três profissionais relataram receberem de cinco a dez salários mínimos; dois sujeitos informaram entre dois e cinco salários mínimos e apenas um sujeito informou possuir renda de dez a vinte salários mínimos. Para finalizar, o primeiro bloco do questionário, verificamos o grau de escolaridade da família do professor orientador, conforme Quadro 01.

No segundo bloco de perguntas inquirimos sobre as questões profissionais dos respondentes, enfocando a universidade em que atua, o curso, disciplinas que ministram aulas, regime e jornada de trabalho na universidade, carga horária destinada às aulas e tempo de atuação no ensino superior.

Todos os respondentes informaram que ministram além do estágio outras disciplinas. Dentre elas destaca-se: Didática, Ensino e Currículo de Língua Portuguesa, Ensino e Currículo de História e Geografia, Pesquisa em Educação, Políticas e Gestão da Educação, Organização e Gestão da Educação Brasileira, Legislação da Educação Brasileira, Fundamentos da Educação Infantil, Currículo e Alfabetização, Ensino de Ciências, sendo que nenhum deles ministra aulas nos cursos de bacharelado.

Referente ao regime de trabalho verificou-se que a maioria dos orientadores possui cargo efetivo (4) e dois são substitutos. Sobre a jornada de trabalho dos professores orientadores, a metade destes docentes possuem dedicação exclusiva em tempo integral e a outra em 40 horas semanais. No que se refere à carga horária semanal dedicada às aulas, três docentes afirmaram que dedicam de oito à 12 horas semanais, duas pessoas disseram de 12 à 16 horas e apenas um entrevistado ministra mais de 20 horas. Interrogamos também sobre o tempo de atuação dos respondentes no ensino superior, e dois deles informaram que atuam de cinco a dez anos, três de um ano a cinco e um professor atua há mais de 25 anos.

No terceiro bloco os indagamos sobre a formação em nível de educação básica, médio e ensino superior, como cursos de aperfeiçoamento, mestrado e doutorado, assim como em que tipo de universidade e sua modalidade (à distância, presencial ou semipresencial). A primeira questão referiu-se ao tipo de escola que os frequentaram o ensino fundamental e médio, cinco deles afirmaram terem estudado exclusivamente em escola pública, o que nos permite inferir que os mesmos desde muito cedo conhecem e convivem com a realidade das escolas públicas de ensino básico brasileiro. Um dos respondentes declarou frequentar somente escola pública no ensino fundamental e a maior parte também em pública no ensino médio.

Quanto à formação, constatou-se que todos sujeitos cursaram licenciaturas, sendo: Pedagogia (4), Matemática (1), Ciências (1). Essa formação foi realizada em universidade pública (3) e privada (3), sendo que cinco realizaram na modalidade presencial e apenas um no semipresencial. Denota-se que todos os professores orientadores possuem formação densa e adequada para atuação no estágio, pois possuem experiência e formação específica para orientar os alunos em suas linhas de estudo.

Após os dados coletados no questionário, foi desenvolvida uma entrevista na qual verificamos as concepções referentes ao estágio supervisionado obrigatório desenvolvido na UFGD.

Ao inquirimos os entrevistados sobre o tempo em que os mesmos orientam os estagiários, evidenciamos que a maioria apesar de terem uma longa carreira no campo educacional, estão a pouco tempo com o componente curricular, exceto dois dos entrevistados, como define P1 “quanto tempo? ... Acho que 15 anos” e P6 “nove anos... na UFGD no curso de pedagogia”. Assim, como expõe que sua atribuição

deu-se por concurso, no qual assumiu a orientação de estágio. Alguns professores relataram que o encargo para ministrar esse componente foi dado pela própria direção da faculdade responsável por atribuir as disciplinas para cada docente. Já outros professores informaram terem assumido o estágio pela falta de professor com concurso para a área. Como define a P2:

Eu comecei a trabalhar com estágio na educação infantil mesmo tendo passado no concurso de currículo e alfabetização, por falta de professores na área né... então eu trabalhei um tempo com estágio em educação infantil até assumir a coordenação do curso de pedagogia. Ai depois durante todo o período que fui coordenadora do curso de pedagogia eu não trabalhei com nenhuma disciplina de estágio e agora que eu retornei a... a função de só professora da universidade eu volto com o estágio do ensino fundamental, mas eu acho que o meu início na disciplina de estágio, principalmente estágio em educação infantil é porque faltava professor de estágio na faculdade. Nós temos poucos professores concursados pra área de estágio.

Quando questionados sobre o perfil desejado para atuar como professor orientador de estágio, a maioria relatou que normalmente é selecionado o professor que já trabalha com disciplinas da área de prática, como didática e metodologias.

Porém, um dos profissionais entrevistados informou não compreender exatamente o critério de escolha, como expressa:

Que eu saiba não né... tanto que nós tínhamos professores na... na.. na época que eu peguei essa disciplina, de... de estágio, no espaço não escolar,... eu lembro que tinha uma... tinha mais duas turmas acontecendo né, concomitante ... e cada uma acontecendo com professores com uma formação diferente, tanto que uma das turmas, que... a... a outra colega que trabalhava, a outra professora... ela é formada na área da psicologia. E aí, pra trabalhar o estágio... em outros espaços educacionais né, então, assim, eu não sei como que acontece o critério, qualquer questão né?! Como que é o critério para a escolha do profissional. (P5,2019)

Todos os profissionais informaram já terem trabalhado na educação básica antes da docência na instituição de ensino superior. Outra informação relevante refere-se ao *lôcus* de atuação na educação básica, tendo todos os entrevistados trabalhado somente em escola pública. Nesta direção, o P1 expressa: “Sim, fui 10 anos professora da rede estadual, trabalhando com crianças de... dos primeiros anos do ensino fundamental, fui professora do CEFAM também no magistério de nível médio”.

Essa é uma questão de relevante, pois é necessário que o docente tenha vivenciado a experiência de professor da educação básica para visualizar esse momento do estágio de maneira mais ampla e completa. Assim, como alguns professores informaram, facilita o processo de acompanhamento dos estagiários quando já se conhecem as instituições, os coordenadores e muitas vezes até os próprios professores.

O PPC do curso informa que o estágio curricular supervisionado está dividido em quatro etapas, que são: Estágio Supervisionado na Gestão e na Docência da Educação Infantil I, com 100 horas a serem distribuídas nas atividades, Estágio Supervisionado na Gestão e na Docência da Educação Infantil II, com 110 horas, Estágio Supervisionado na Gestão e na Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, com 100 horas e Estágio Superior na Gestão e na Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II com 110 horas totalizando 420 horas para sua integralização. Porém, foi identificado que o estágio em espaços não educacionais não consta no quadro de atividades curriculares do estágio. Quanto à carga horária o P6 ressalta:

Até esse semestre a carga horária era de cento e oito horas, houve uma mudança para o próximo, mas vamos falar do que tem sido até agora... são quarenta e duas horas de reuniões, de orientação aqui na FAED com o professor orientador e as outras sessenta e seis horas são na escola. Igual eu 13 já disse, vinte são de regência... trinta de monitoria e o restante é na gestão que pode compreender secretaria, direção e coordenação. (P6, 2019)

Uma das dificuldades mais expressas nas entrevistas foi referente ao acompanhamento dos estagiários, pois pelo quantitativo de alunos por orientador que é no máximo 18 e a forma de organização do estágio nas escolas, os alunos escolhem onde desenvolverão as atividades, aspecto que dificulta o processo de acompanhamento.

Os professores informam acompanharem os alunos por ligação às escolas e avaliação dos relatórios levados a universidade. Contudo, todos apontam essa dificuldade, pois não conseguem acompanhar presencialmente todos devidamente, acompanhando in lócus.

Outro entrevistado destaca a burocratização no processo do estágio, também relacionado aos convênios, como explica P3, “por exemplo, uma aluna quer fazer estágio em uma determinada escola mas não tem convênio ai ela vai fazer o

convênio, só que o convênio demora de 6 meses a 1 ano, então a aluna nesse tempo tá fazendo as disciplinas dela 14 não vai parar pra... então de certa né... então a gente esbarra as vezes nesses entraves”.

Outra dificuldade apresentada pelo P5 foi a questão dos professores regentes desses espaços que deveriam receber os estagiários nas escolas. Como aponta, normalmente quem atua nesses espaços também são alunos estagiários em formação o que dificulta o processo formativo.

Dessa forma, esses professores já formados ocupam espaço privilegiado no ECSO, pois assim como os professores orientadores vinculados à universidade, eles orientam os estagiários em suas atividades em sala, ou até mesmo com o seu exemplo de atuação e de metodologia.

Porém, alguns apontam a dificuldade dos professores regentes aceitarem receber o estagiário em sala de aula, o que também dificulta o processo formativo. Apesar da dificuldade em encontrar professores que aceitem o estagiário em suas aulas, os entrevistados relataram em sua maioria que há um bom relacionamento com esses professores que aceitam o estágio em sua turma. Como expressa o P3 “[...] às vezes que eu tive que tá acompanhando alguns projetos, eles são super receptivos no sentido mesmo de querer ajuda da universidade, querendo mais a presença da 15 universidade”.

O fato desses professores já terem experiência no ensino básico, facilita o processo o bom relacionamento com esses profissionais, mesmo sendo de cidades vizinhas como relata um professor.

Outro aspecto importante no desempenho do aluno é a boa relação do professor orientador com o estagiário, pois como exprime Arruda e Bacon (2010 p.508) “o ensino e a aprendizagem dependem, em grande parte, da qualidade das relações que se estabelecem entre professor e aluno. Dificilmente, uma aula será bem-sucedida com alunos desinteressados e professores desmotivados”. Dessa forma é necessário que o orientador estabeleça uma relação de qualidade com os alunos para que possa direcioná-los da forma correta. Tardif (2002 apud Arruda; Bacon, 2010) informa “ação profissional do professor é desenvolvida levando em conta duas séries de condicionantes: os ligados à *transmissão da matéria*, (grifo do autor) ou seja, ligados diretamente ao ensino e à aprendizagem do conteúdo; e os ligados à *gestão da interação* com os alunos, por exemplo, a manutenção da

disciplina e motivação da turma”. Dessa forma, a interação com os alunos é fundamental, assim como a transmissão do conteúdo direcionado ao estágio.

Quanto à contribuição do docente do ensino básico, a maioria dos professores enfatizou que há contribuição, porém na maioria das vezes esses professores têm concepções diferentes das trabalhadas na universidade, o que para alguns orientadores se configura um obstáculo ao estagiário, como colocam.

Para Baccon e Arruda (2010, p.509), é fundamental a experiência dos professores que participam da formação inicial, pois podem se tornar exemplo e referência de sua prática, tornando-se exemplo para que os estudantes criem seu próprio modo de atuação. Sendo assim, todos os profissionais que fazem parte da formação inicial dos futuros docentes são essenciais no processo de profissionalização docente. Um dos entrevistados evidenciou que não se pode desconsiderar a experiência desses profissionais em sala de aula, e sendo assim no estágio em que atua o professor supervisor deve aprovar os planos de aula elaborados pelo estagiário juntamente com seu orientador. Como expressa o P2 “isso é determinante, o aluno não entra na sala de aula sem o professor ter assinado o plano, mesmo que eu olhe e ache que tá maravilhoso. Se o professor disser que não tá bom a gente volta e replaneja tudo”. Um dos professores diante desta mesma questão evidenciou que o supervisor sempre contribui, seja de forma boa ou de forma ruim no qual levará o estagiário a refletir sua própria prática.

Na concepção dos professores orientadores, o estágio se configura o momento para que o estudante entre em contato com a realidade escolar, as especificidades de cada instituição e desenvolva as habilidades necessárias para a futura atuação como docente.

Considerações Finais

O estágio curricular supervisionado obrigatório configura um elemento essencial na formação de professores, compreendido por possibilitar diversas aprendizagens como reflexão da própria ação e dos supervisores das instituições de ensino da rede básica, entrar em contato com a realidade escolar, compreender as especificidades de cada escola, desenvolver a práxis efetivamente e desenvolver as habilidades necessárias para atuação na profissão. Diante disso, analisar as concepções dos professores orientadores da universidade é essencial para se pensar possíveis alternativas.

Com a aplicação de questionário foi identificado que os professores possuem perfil para exercerem suas funções em termos de formação inicial e especialização, pois todos atuam em sua linha de pesquisa. Porém, a maioria dos profissionais atua há pouco tempo na orientação de estagiários, aspecto que evidencia serem frequentes as trocas de professores. Dentre as maiores dificuldades destacadas nas entrevistas foi apontado o acompanhamento dos alunos nas escolas, que é problemático devido à possibilidade de alunos que residem em outras cidades efetuarem suas atividades onde reside, o que limita o acompanhamento dos professores, ocorrendo este por meio de telefonemas e de gravações de vídeo. Essa dificuldade também é expressa aos alunos que residem e desejam desenvolverem as atividades de estágio na cidade em que o curso é fornecido, pois pelo tamanho da cidade e quantidade de escolas torna impossível o acompanhamento de todos os estagiários, sem apoio financeiro para descolamento.

Os profissionais informam conhecer os normativos que regulamentam o estágio assim como relatam que ele é valorizado parcialmente no curso, pois por parte dos 24 alunos alguns estágios são desconsiderados em suas aulas presenciais, essas essenciais para o bom desenvolvimento do estágio.

Para finalizar, a maioria dos docentes relatam que o estágio não cumpre efetivamente sua função, pois há o que se avançar em termos de organização do projeto pedagógico.

Referências

BACCON, Ana Lúcia Pereira; ARRUDA, Sergio de Mello. Os saberes docentes na formação inicial do professor de física: elaborando sentidos para o estágio supervisionado. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 3, 2010.

CYRINO, Marina; BENITES, Larissa; BORGES, Cecilia; NETO, Samuel de Souza. Qual o papel do professor-colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na Educação Física? **Revista Brasileira Ciências e Movimento**, Rio Claro, 2012, n. 4, p. 13- 25.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educ. rev.* [online]. 2004, n.24, pp.213-225.

FELDKERCHER, Nadiane. O estágio curricular supervisionado como componente teórico e prático em cursos de formação inicial de professores. **Revista espaço acadêmico**, n.115, 2010.

OLIVEIRA, Raquel Gomes de. Estágio supervisionado participativo na Licenciatura em Matemática, uma parceria escola-universidade: respostas e questões.

Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 10, 2009, Águas de Lindóia. Formação de Professores e a Prática Docente: os dilemas contemporâneos... São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2009. p. 7094-7105 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139902>

UFGD. **Projeto pedagógico de Pedagogia** - Licenciatura, Universidade Federal da Grande Dourados, 2017.